

# *Diário de um agricultor*

## **A invasão**

**21 de março de 2002**

O Joaquim ainda continua com as suas feridas que a pouco e pouco se saram. O estranho objeto era algo preto com medida de um palmo e cheio de teclas. Disse que se chamava telemóvel... ou algo assim. A luta deve ter-lhe feito mal e batido com a cabeça.

Através da televisão que se encontra ligada dentro do café, um novo anúncio invade aquele espaço com algo inovador: outro telemóvel. O homem que o está a dizer enumera várias características que, segundo ele, são formidáveis.

Não sei se confio muito nele nem naquilo que ele está a dizer... Tem ar de excêntrico e rico, está sempre a sorrir... E o seu suposto maravilhoso produto nem é igual ao do Joaquim.

Despeço-me da D. Márcia e sigo para o meu trabalho.

**28 de março de 2002**

Em muito pouco tempo parece que a minha aldeia, que antes era calma e acolhedora, perdeu o seu brilho e tornou-se em alguma coisa que nem sei bem o que é.

No espaço de pouco tempo parece que toda a gente ficou maluca a querer comprar o tal do “telemóvel” e a dizer que isso torna a vida melhor. Até os meus próprios filhos quiseram comprar um. Embora ainda vivam comigo, já são homens adultos e já podem pagar pelas suas coisas. Deviam era casar e de sair de casa.

Os barulhos dos telemóveis a tocar parecem que me perseguem como a vaga de térmitas que caiu sobre as minhas terras. Ficou quase tudo devastado e ainda não sei como vou recuperar o que perdi.

Com os ataques dos animais e com a vaga, as minhas terras estão a tornar-se em solo infértil matando em ritmo lento qualquer planta que se ouse lá instalar e crescer. Não sei como vou viver assim...

**2 de abril de 2002**

Depois de vários dias a insistirem, deixei a minha mulher e os meus filhos irem comprar os tais telemóveis. Enquanto eles iam, eu fiquei a trabalhar para conseguir tirar um pouco do que restava do solo estragado e tirar algum sustento.

Andamos reduzidos a pó e grãos, mas eles querem-nos como se a vida deles dependesse disso... Não entendo o porquê de tanto entusiasmo. Se andarem agarrados aos telemóveis, não haverá sustento que lhes valha...

O meu filho mais velho, João, diz que já arranjou uma namorada e que para breve estará para casar. Afirma que quer fazer uma surpresa e que enviará a data combinada através das maquinetas invasoras porque estará muito ocupado nos preparativos do evento.

A D. Márcia também diz que irá instalar um compu-não sei quê... Diz que viu novamente o tal homem excêntrico e rico na televisão que lhe falou daquilo e decidiu comprar um para melhorar o café.

Pessoalmente acho uma ideia absurda! O café está ótimo como está! Não necessitamos de engenhocas e mexer em algo que já por si só é ótimo.

## **7 de abril de 2002**

As plantas continuam a não conseguir germinar nem a produzir nada. Já tentei todas as técnicas de cultivo que conheço, mas infelizmente nada parece surtir qualquer tipo de efeito.

O meu outro filho Carlos tem-me tentado ajudar, embora o seu empenho no trabalho também tenha decaído. Ultimamente, tem estado sempre hipnotizado com aquela engenhoca que a D. Márcia colocou no café. Tanto ele como muitas outras pessoas que agora passam os dias lá dentro a olhar para aquilo com admiração.

Do meu filho João não tenho recebido muitas notícias. Acredito eu que seja devido ao casamento e do trabalho que a sua organização exige.

Agora vou tentar fazer florescer mais alguns caules ou raízes perdidos para que possa conseguir continuar a sobreviver.

## **21 de abril de 2002**

Passou algum tempo, eu sei, mas finalmente vi sustento a crescer através de caules e folhas revelando a fertilidade recuperada dos solos danificados. Os dias foram resumidos na rotina de casa-terrenos, terrenos-casa.

Embora esteja feliz por finalmente estar a recuperar algum que me possa dar de comer, a febre desta tecnologia inovadora não saiu da mente de ninguém. O meu filho Carlos disse-me que já tinha encontrado uma técnica nova no tal computador, que acho eu que é assim que tal objeto estranho se chama, e que nos iria ajudar nos prejuízos.

Não confio muito naquela maquina e prefiro optar por métodos mais fiáveis e que eu já conheço.

Focando-me no meu outro filho, João parece que se tornou numa sombra perdida de que nunca mais ouvi dizer alguma coisa. Já faz duas semanas desde a última vez que falámos e o sentimento de saudade já me começa a invadir.

Sou chamado pela minha mulher. Pergunto-lhe o que quer e ela responde-me que temos que ir ao casamento de João. Questiono-me como sabe ela

**tal informação e ela explica-me que recebeu algo chamado de “mensagem” através do telemóvel a explicar aquilo.**

**A minha vontade de ir é quase nula e o meu sentido de desconfiança toca quase como uma sirene para me avisar. Como já afirmei, não acredito muito naquelas máquinas, mas decido dar uma hipótese.**

**Volto da cerimónia, já ao cair da noite, e vejo que afinal estas novas “engenhocas” podem revelar-se bastante úteis. Ajudou o João na divulgação do grande acontecimento aos seus convidados e pode ser que me consiga também ajudar a mim na recuperação do meu solo de forma a que este possa voltar a sorrir, auxiliando também assim o meu estimado sustento.**

**Daniel Alves, 12<sup>o</sup>**